

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A se acreditar no testemunho de seus contemporâneos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade foi uma mulher bastante conhecida na sociedade brasileira, pelo menos entre a imprensa e as “pessoas cultas”. As suas viagens, seus livros, seus convites para participar de congressos, exposições e para trabalhar em duas reformas de instrução pública (uma em Minas outra em São Paulo) reforçam esses testemunhos.

Entretanto, sua morte, ocorrida em 1929, parece não ter sido lamentada. Guilhermina morreu como uma pessoa comum, sem bens e sem louvores, tendo sido enterrada numa cova pública no cemitério de Inhaúma, subúrbio do Rio de Janeiro. Em nenhum dos principais jornais cariocas¹ encontramos sequer uma linha sobre seu falecimento e sua vida, como era comum acontecer com as pessoas, de fato, bastante conhecidas. Apenas um anúncio, feito pela família, da sua morte e do convite para a missa de 7º dia. Nem mesmo na imprensa protestante encontramos alguma referência a esse fato. É curioso também que no *Hinário Evangélico*, no qual ainda hoje constam várias músicas de Maria Guilhermina, a data de sua morte seja ignorada pelos editores.

¹ A pesquisa foi feita nos jornais: *A Manhã*, *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *O Cruzeiro* e *O Paiz*. Além desses, consultamos também o jornal presbiteriano *O Puritano* e o jornal *Minas Gerais*.

Isso talvez se explique pelo fato de ter sido longeva e ter morrido depois da maior parte de seus contemporâneos. Ao que tudo indica, ela morreu perto de sua família, no Rio de Janeiro, depois de passar uma velhice cansada e doente, necessitando do cuidado e da dedicação dos seus, como ela mesma já havia apontado por ocasião de sua aposentadoria, estando há muito distante da cena pública. No caso do presbiterianismo, talvez ela tenha abandonado a fé em algum momento da sua vida, como aconteceu com outros, ou a doença, que em geral costuma durar muitos anos, a tenha afastado do convívio da Igreja. Além disso, a arteriosclerose é uma doença degenerativa, que mina pouco a pouco o corpo e a mente. Talvez, antes mesmo que tivessem se esquecido dela, Maria Guilhermina tenha se esquecido de si mesma.

Ou, então, é possível também que a sua visibilidade não tenha sido assim tão grande, como os testemunhos de Inês Sabino, Sacramento Blake e tantos outros apontados neste trabalho podem nos fazer acreditar, ou mesmo que tenha sido efêmera. Mas aqui não busquei o destaque de um sujeito num determinado contexto. O objetivo, na verdade, foi tentar realizar a inserção de Maria Guilhermina entre seus contemporâneos, seja entre aqueles que fizeram parte de suas relações concretas, seja entre aqueles que nos ajudam a pensar e a esquadrihar tanto a sociedade em que Maria Guilhermina viveu quanto ela mesma. E, nesse movimento, não há como negar que ela cortou um ambiente – carioca, paulista e mineiro – em determinado momento, colaborando para definir os contornos e os possíveis da educação em fins do século XIX e início do XX.

Neste trabalho, pudemos demonstrar/flagrar Maria Guilhermina como uma mulher educadora que cortou um ambiente de maneira diferenciada, em primeiro lugar, por sua prática docente, orientada pelos padrões pedagógicos renovadores, aprendidos com os norte-americanos. Em um período em que isso não era tão comum, Guilhermina não só travou uma profícua interlocução com a pedagogia norte-americana, por intermédio dos

missionários presbiterianos, como também escolheu viajar para os Estados Unidos, para lá aprofundar esse diálogo. A viagem que ela realizou para lá, na década de 1880, foi momento privilegiado de observação, comparação e reflexão, sendo para ela uma oportunidade de aumento do seu “capital intelectual”. Apropriando-se, a partir da experiência norte-americana, de saberes e práticas que faziam parte de um movimento de renovação pedagógica internacional, Maria Guilhermina foi se constituindo como uma educadora/intelectual – escritora, tradutora, professora – capaz de intervir no debate educacional de sua época, capaz de fazer circular novas concepções e métodos pedagógicos, capaz de divulgar, ensinar e civilizar. O que ela procurou fazer por meio de seus livros e artigos e de sua atuação como conferencista, diretora e professora de escola.

Assim, na sua trajetória, ela exerceu o papel de mediadora/tradutora, apropriando-se de modelos e métodos, selecionando o que deveria e como deveria ser veiculado no Brasil, tanto em suas obras quanto na sua prática nas escolas nas quais trabalhou. Ela investiu na busca de uma alternativa européia para o campo educacional brasileiro, fazendo parte de um movimento maior que, em fins do século XIX, começava a voltar os olhos e a atenção para os Estados Unidos.

Mas o fez como sujeito posicionado, participando de esquemas de percepção e de um “horizonte de expectativas” que deram sentido às suas escolhas e às apropriações que ela realizou. A sintonia com a pedagogia renovada e a apropriação de elementos do repertório educacional norte-americano foram compreendidas, no caso de Maria Guilhermina, a partir de sua opção pela fé reformada e de sua ligação com os presbiterianos do Norte dos Estados Unidos, que se instalaram no Brasil em meados do século XIX. Elaborada neste trabalho como chave de leitura, foi essa rede de relações que permitiu elucidar a operação de mediação/tradução que Guilhermina realizou. Foi por intermédio dos missionários presbiterianos que ela entrou em contato com o repertório

educacional norte-americano. Mas, mais do que isso, foi a partir de sua condição de presbiteriana que ela leu o mundo e realizou o seu papel de mediadora. Assim, ao selecionar o que e como esse “outro” – o repertório educacional norte-americano – deveria ser apropriado, ela o fez a partir das ferramentas que a sua rede de pertencimento religioso lhe fornecia para ler e pensar o mundo.

Essa rede de pertencimento teve implicações tanto na sua trajetória profissional quanto na sua condição feminina. Como as missionárias norte-americanas que vieram para o Brasil, Guilhermina pôde experimentar maior liberdade de movimento, viajando para vários lugares, para estudar e para trabalhar, grau de autonomia relativo, mas ainda distante da realidade da maior parte das mulheres brasileiras. Como poucas, ela experimentou certo reconhecimento social e legitimidade entre os educadores no eixo Rio–São Paulo–Minas Gerais, tendo circulado e atuado em diferentes lugares, situação compartilhada com muitas missionárias norte-americanas. Participou de exposições e congressos pedagógicos, escreveu e traduziu livros escolares, participou da Reforma Caetano de Campos em São Paulo (1890) e da Reforma João Pinheiro em Minas Gerais (1906), estudou durante quatro anos nos Estados Unidos. Essa sua circulação privilegiada denota não só seu papel de “mediadora do moderno” que, na sua missão de “divulgar, ensinar, civilizar”, traduziu elementos e valores dos processos pedagógicos norte-americanos no Brasil, como também de uma mulher intelectual, educadora, profissional da educação, especialista competente para traçar projetos e intervir no campo educacional do País.

Mesmo sendo possível argumentar que o papel da mulher no universo cultural protestante era ainda de submissão a um mundo dominado pelo masculino, não há como negar que a visão de mundo reformada trazia outra sensibilidade com relação à mulher. Com relação à valorização do trabalho feminino e sua qualificação, estamos longe da moral católica que pesava sobre as mulheres no século XIX, e mesmo no século XX, que

se erigia em obstáculo à sua educação e profissionalização, sob o pretexto de guardá-las moralmente, afastando-as dos perigos que poderiam advir do excesso de instrução. Ao contrário, a moral protestante/presbiteriana valorizava o trabalho como vocação de todo cristão, como demonstração cotidiana de fé e de glorificação de Deus, o que não excluía as mulheres. Somado à idéia de um maior companheirismo entre homens e mulheres na família e na Igreja, o presbiterianismo que aqui se instalava, ao valorizar a instrução e o trabalho da mulher, criava condições para um alargamento do campo de atuação feminino, considerado socialmente legítimo, para além da esfera doméstica.

E foi acreditando no trabalho como vocação e na educação como um projeto missionário que ela se separou mais de uma vez de sua família, seja para estudar nos Estados Unidos, seja para trabalhar em São Paulo e em Belo Horizonte. E foi nessas duas cidades brasileiras, assim como no Rio de Janeiro, que ela atuou como mediadora entre dois mundos e se constituiu como missionária/professora, apóstolo de uma civilização, calcada nos valores da fé reformada. Valores como liberdade, democracia, progresso e responsabilidade individual, que alicerçavam e eram veiculados na prática educativa dos missionários presbiterianos e de sujeitos que gravitavam ao redor deles, como foi o caso de Maria Guilhermina.

Mediadora/tradutora, missionária/professora: adjetivos que nos ajudam a falar de Maria Guilhermina como uma mulher que viajou, percorreu outras cidades e conheceu outros mundos, movimento no qual ela se apropriou de um projeto de educação e de civilização afinado com os valores dos presbiterianos de origem norte-americana e os fez circular. Mas se esses adjetivos nos ajudam a jogar luz sobre alguns aspectos da sua trajetória profissional, eles não são capazes de decifrar tudo, de nos dizer tudo sobre Guilhermina. Muitas zonas permaneceram opacas.

Tenho clareza do muito que ficou sem ser dito, das perguntas sem respostas acumuladas ao longo deste trabalho, das muitas lacunas que não foram preenchidas. Lacunas originadas não só da ausência de indícios e evidências que nos permitissem falar da trajetória profissional de Maria Guilhermina, mas também pela escolha desta pesquisa de elaborar a sua condição religiosa e sua ligação com os presbiterianos como chave de leitura. Uma possível, dentre outras que poderiam ser utilizadas. Se essa chave ajudou a dar sentido à sua trajetória, nem por isso ela conseguiu abarcar tudo. Muita coisa escapou e escapa desse viés interpretativo. Além disso, se existem lacunas é porque a vida, assim como a história e o seu relato, é feita de incompletudes.

O que se buscou aqui foi falar sobre um indivíduo, foi construir – a partir de provas, pistas e indícios – o relato historiográfico de sua trajetória em determinado momento e determinadas circunstâncias, não objetivando avaliar o sucesso ou insucesso de suas realizações, mas buscando ver nelas a construção de novas sensibilidades, assim como um mundo de possibilidades históricas. Para além das lacunas inevitáveis e dos limites interpretativos deste trabalho, acredito que foi possível fazer um desenho, construir um retrato, ainda que mínimo e, por vezes, impreciso, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade em sua trajetória profissional. Nessa operação, ela surgiu como uma evidência, dentre outras tantas, de experiências, sensibilidades, valores e práticas alternativas a contrariar e a desmentir as construções hegemônicas de mundos sociais. Sua experiência e sua atuação profissional, com a apropriação e circulação de elementos do repertório pedagógico norte-americano, num mundo tanto tempo representado como hegemonicamente francês; a circulação da própria Maria Guilhermina e sua profissionalização, num universo feminino visto homoganeamente pela lente da dominação e da reclusão, mais do que falar da singularidade da sua trajetória, nos fornecem pistas para pensar nos outros possíveis da história. Mesmo que efêmera, a sua atuação e a sua

experiência de mulher intelectual e educadora, que sintonizou sua prática e produção profissional com elementos do repertório pedagógico norte-americano, nos falam das possibilidades daquele momento e nos ajudam a pensar a história como devir e como alteridade.